

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O WOMEX LISBOA 2022
21 de outubro de 2022

SINGING IN THE WILDERNESS / 2021

Um filme de Dongnan Chen

Realização e argumento: Dongnan Chen / Cinematografia: Jikui Huang, Li Jisong /
Montagem: Dongnan CHen, Emelie Mahdavian / Música: Chad Cannon / Com a
participação de: Tapinf Zhang, Jiansheng Wang, Guantuan Long, Xiaoming Zhang,
Shaofen Long, Tanming Zhang, Dexian Zhang, e os habitantes de Little Well

Produção: Tail Bite Tail Films, Fish + Bear Pictures, Zhaoqi Films / Produtores: Dongnan
Chen, Violet Du Feng, Qi Zhao / Cópia: DCP, cores, chinês com legendas em inglês e
legendas eletrónicas em português / Duração: 98 minutos / Estreia Mundial: Grécia, 25
de junho de 2021, Thessaloniki Documentary Festival / Primeira apresentação na
Cinemateca Portuguesa

Sessão com apresentação

SINGING IN THE WILDERNESS é um documentário que observa as práticas e as vidas associadas a um coro cristão de uma povoação de etnia Miao, um grupo de populações relacionadas linguisticamente no Sul da China e no Sudeste asiático, nas suas relações com o contexto muito específico da China contemporânea. A realizadora chinesa Dongnan Chen acompanhou, ao longo de cinco anos, as pessoas desta aldeia, as suas experiências, bem como os traços e transformações da sua identidade coletiva em confronto com os esforços de “reconstrução” cultural da aldeia de Little Well por parte do governo chinês e de projetos de turistificação exteriores.

Para esta população o canto é um dos elementos estruturais da sua identidade. E se a sua música coral é de raiz cristã com acentuadíssimos tons ocidentais, as suas intenções atingem um outro tipo de espiritualidade assente na crença de que o canto espante os fantasmas e os males da aldeia. Neste contexto, o próprio título, SINGING IN THE WILDERNESS, aponta para um ato de resistência e, como a própria realizadora o descreve, para uma afirmação da liberdade “nas margens” do mundo e do poder globalizado, afirmação essa que se encontra ameaçada, em primeiro lugar, pela tentativa de “internacionalizar” este coro por parte do departamento de propaganda chinês, impulsão que lhes traria prestígio, mas que o envolve numa estratégia de marketing e de comercialização que põe em causa a estrutura espiritual do grupo e da sua prática e, em segundo lugar, pelo projeto de renovação da aldeia por motivos turísticos. Nestas circunstâncias, a realizadora oferece um complexo olhar que cobre implicações geográficas, que ligam a lógica da terra enquanto forma de sobrevivência

às experiências nas grandes cidades, bem como implicações sociais que vão do coletivo à individualidade de alguns elementos. Nas reações e nas transformações dos modos de vida, todas estas relações transparecem uma ligação entre o medo da destruição do espaço que unifica as suas existencialidades, e a perda do desejo autêntico em favor do mundo contemporâneo do dinheiro e dos bens de consumo, relação bem resumida através da expressão de um dos habitantes de Little Well, que a certo ponto diz que “antes tínhamos medo dos chineses Han, e agora temos medo de ser pobres”. Iniciando precisamente com uma referência aos fantasmas, ao medo e ao peso de um passado de opressão pelos chineses Han que os levou a refugiarem-se nas montanhas do Sul da China, o filme prepara a sua problemática central, a questão das minorias e do perigo do seu desvanecimento perante o “progresso” e os consumismos, procurando ao mesmo tempo traços de uma identidade cultural singular.

O filme de Dongnan Chen procura uma realidade que se serve do ponto de vista etnográfico para abordar esta identidade cultural de um modo principalmente político. A postura observacional que desenvolveu no prolongado tempo em que estudou intimamente as pessoas de Little Well desvenda a busca por uma identidade na tenção entre todas as suas dinâmicas. Por outras palavras a identidade é o próprio fantasma, o que resta latente por detrás de todos comportamentos e desejos. É uma identidade descentrada à qual só é possível dar visibilidade nos interstícios das relações culturais, políticos, conjugais e geográficos, e que só se pode materializar em atos de resistência não só contra os elementos políticos e comerciais exteriores, mas também na própria redefinição do seu espaço.

Manuel João Montenegro